

Marketing e educação

LEONARDO JUSTIN CARÃO

Ao que tudo indica, se o provão do MEC conseguir alcançar algum resultado, o fará antes por motivos mercadológicos do que educacionais. A exemplo do que ocorre em outros países – chegada a época de ingressar no 3º grau – os jovens passam a procurar pelos cursos e instituições de melhor conceito, buscando uma carreira. Esta procura sempre foi orientada pela avaliação da tradição que cerca a instituição e seu corpo docente, assim como a boa colocação conseguida por seus egressos no mercado de trabalho. Significa dizer que a sociedade em geral avalia instituições através de indicadores transparentes e de fácil assimilação. No caso acima, o sucesso (e o que é sucesso, afinal?) obtido pelas pessoas que as compõem, sejam elas docentes ou egressos, é o indicador.

Porém, há indicadores mais específicos e mais abrangentes para a avaliação das atividades que compõem o ensino superior. Indicadores de estrutura e processo, por exemplo, quando utilizados por órgãos capacitados para operacionalizar tal avaliação, podem revelar-nos que a faculdade X ou Y – apesar de estar investindo pesadamente em propaganda, criando fatos e eventos ou qualquer outra coisa que a mantenha em evidência – ainda não alcançou seu pleno desenvolvimento institucional, seja por qual motivo for.

Devemos entender então que a “garantia de qualidade” do ensino praticado pelas faculdades e por seus cursos estará dada pela forma de avaliação praticada por essas instituições – geralmente de fomento.

A decisão do MEC pelo provão visa so-

bretudo a criação e implantação de um indicador de resultados para os cursos de graduação, ao propor-se avaliar o formando desses cursos. Encerra em si a crença – irrefutável – de que não adianta ter excelente estrutura e processos, se os resultados são ruins. Contudo, é também incontestável a indissociabilidade entre estrutura, processos e resultados. É bom lembrar também, que entre os indicadores de estrutura está o quadro docente e técnico, sua própria carreira e futuro.

Assim, é possível que em breve tenhamos a figura do *personal marketing planner* (ou será *trainer*?) incluído nas preocupações das comissões de formatura, ou – para os mais desvalidos – a criação de cursinhos preparatórios para sei lá o que, de modo que o formando não veja seus anos de trabalho jogados fora. Considerando que ninguém vai para a faculdade para ficar desempregado, o que ficará marcado, então, é que independentemente de estarmos jogando fora boa parte do idealismo, do espírito de luta e da criatividade que caminham de braço dado com a rebeldia dos nossos jovens formandos e recém-formados, o provão terá sido um sucesso, já que os alunos que não se engajarem no programa, cumprindo todas as determinações com atenção e bom comportamento, sofrerão ampla divulgação de suas características “daninhas à sociedade”, a quem caberá expurgá-los, reduzindo a sua periculosidade por exclusão do mercado de trabalho.

Poder-se-ia tentar dizer que o objetivo é avaliar a faculdade, o curso, o resultado, o professor, o barnabé, o quadro-negro! Mas a verdade é que a leitura é uma só: quem está sendo avaliado, de forma duvidosa e

com real perigo para a sua vida profissional e seu próprio futuro, é o aluno, a quem nunca ninguém deu grandes oportunidades para manifestação, nem chamou para perguntar se percebia algo de errado no seu curso durante o seu curso.

Além do mais, qualquer um que viva no meio universitário sabe que a percepção do aluno sobre seu curso, na maior parte das vezes é pura, cristalina e comprometida apenas com sua formação profissional, o que deveria fazer com que fosse utilizada pelos programas de avaliação – até mesmo pelo princípio de avaliação da qualidade que não pode desconsiderar a satisfação do consumidor.

E, finalmente, se a intenção é mesmo a de avaliar resultados, como parte de um sistema de informação integrado que possa fornecer apoio à tomada de decisão e à formulação de novas propostas e políticas educacionais, pergunto: por que a divulgação praticamente individualizada e punitiva dos resultados? Será que existe alguma direcionalidade nisso?

Devemos ter em mente a nossa responsabilidade para com as pessoas e saber com clareza que, se daqui a alguns anos o presente programa for modificado ou mesmo abandonado (como sói acontecer), as instituições – com uma adaptação ou outra – continuarão onde sempre estiveram e muito bem, obrigado. Porém, a chance de se ter imputado um grande prejuízo à sociedade, com a destruição do moral e das carreiras de uma ou mais gerações de jovens profissionais, talvez seja irreversível.